

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 132

Tigres na Normandia

Exemplo de Exploração Tática Diferenciada do Terreno





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabrizio Gustavo Dillenbug
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

Muitos creem que os alemães tiveram, inquestionavelmente, os melhores carros de combate da Segunda Guerra Mundial. De fato, seus veículos eram bons, mas ficavam aquém, sob certos aspectos, de outros blindados do período. Foi a aplicação tática, fundamentalmente - aliada a projetos notáveis -, o que fez a diferença em desequilibrar o campo de batalha, em muitos momentos, a favor dos germânicos.

Na Normandia, cenário complexo para os contendores, devido à importância da posição para a definição da luta vindoura, os blindados tiveram grandes dificuldades, sobretudo quando o poder aéreo aliado esmagou o que ainda restava da resistência da Luftwaffe. Nosso Acadêmico F. G. Dillenbug faz algumas considerações sobre o emprego do poderoso Tigre nesse palco desfavorável, e sua adaptação ao combate.

Ao nosso honorável Presidente da Federação coube destacar a importância da Análise Militar Crítica ou Análise Histórica Militar Pós-Ação (AHMPA) - tendo como base obra sobre o Contestado - e suas contribuições para o levantamento de subsídios a serem utilizados na instrução dos Quadros e da Tropa e no progressivo desenvolvimento da Doutrina Militar da Força Terrestre.

E, mais uma vez, o Cel Caminha Giorgis, Presidente da AHIMTB/RS, se faz presente, contribuindo, neste número, com um rápido levantamento de informações sobre o Terceiro Batalhão de Suprimento de Nova Santa Rita, RS.

F. G. Dillenbug (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 TIGRES NA NORMANDIA

por F. G. Dillenburg

O Acadêmico elabora algumas considerações sobre o emprego do Tigre na crítica região da Normandia.

11 ANÁLISE MILITAR PÓS-AÇÃO

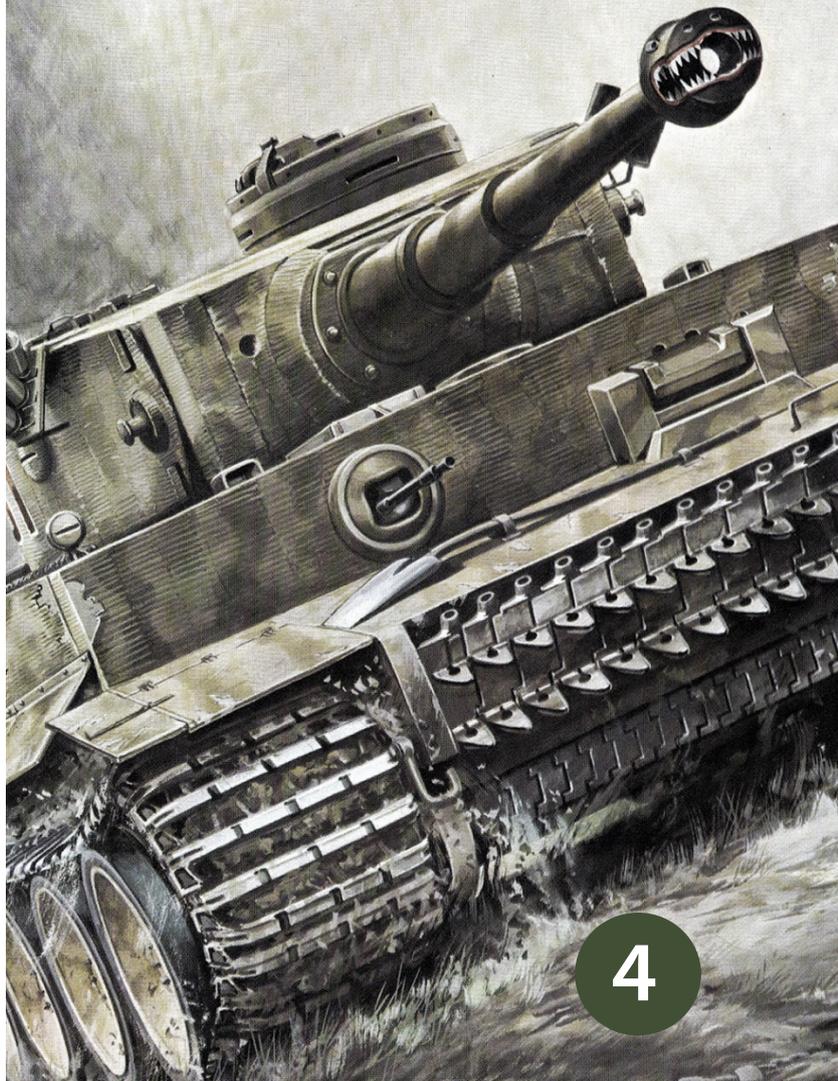
por Cel Cláudio Moreira Bento

O Presidente da FAHIMTB analisa as contribuições da análise Pós-Ação do Contestado, na instrução militar.

15 LOGÍSTICA

Cel Luiz Ermani Caminha Giorgis

Visão do 3º Batalhão de Suprimento de Nova Santa Rita, RS.



Tigres na Normandia

Exploração Tática Diferenciada do Terreno pelos Carros de Combate Pesados Germânicos



F. G. Dillenburg

Os combates travados pelos carros de combate alemães na Normandia apresentaram diferentes características dos tradicionais confrontos em outros locais.

Quando da invasão aliada, em junho de 1944, a Luftwaffe encontrava-se, virtualmente, batida na área. Seus recursos, já escassos, enfrentavam a inércia do comando central, representado por um Goe-ring¹ que não expressava nem a vontade, nem a capacidade de manter a Força Aérea alemã em condições de combate. Somando-se à insistência de Hitler de que "armas maravilhosas" – como o jato 262 – iriam salvar a guerra, dando a vitória à Alemanha, e sua teimosia em intrometer-se nos projetos², os combatentes germânicos viram-se sem proteção aérea, ficando à mercê do clima e da indisponibilidade dos aviões aliados, para tentarem qualquer ação militar com alguma esperança de não serem completamente obliterados.

A superioridade aérea aliada, absoluta, gerou a necessidade de alterações emergenciais na estrutura operacional alemã. No caso das divisões Panzer estacionadas na França, as táticas clássicas utilizadas, até então, tiveram que ser abandonadas, em prol de

**“A SUPERIORIDADE
AÉREA ALIADA,
ABSOLUTA, GEROU
A NECESSIDADE DE
MUITAS ALTERAÇÕES
EMERGENCIAIS
NA ESTRUTURA
OPERACIONAL ALEMÃ.”**

novas maneiras de combater sob um avassalador poder de fogo que tornava impraticável quaisquer movimentos em áreas abertas, ou mesmo durante o dia. O blindado inimigo cedeu lugar ao avião, na lista de ameaças às equipagens blindadas, impedindo não apenas que os ataques tradicionais, com forças concentradas, acontecessem, mas também prejudicando a execução de operações logísticas. Exemplo claro disso é que o 101º Batalhão Panzer SS não conseguiu reunir, uma única vez sequer, seus 45 carros de combate Tigre, na Normandia, para efetuar um ataque. O poder de uma tal força reunida, com esses impressionantes veículos, representaria uma ameaça gigantesca aos aliados, um risco enorme para homens e máquinas que se amontoavam pelas estradas, buscando avançar com rapidez pelo território francês. Caso tivessem sido empregadas logo no início dos desembarques, os carros de combate poderiam ter causa-

do o pânico entre os aliados e, eventualmente, desestruturado a cabeça de praia, lançando as tropas de volta ao mar. Entretanto, não agiram; por uma série de falhas, os blindados foram dispostos sob um comando unificado tarde demais, e foram acionados somente quando os aliados já haviam fixado posições suficientemente preparadas para sustentar combate.

O ataque à Normandia já havia sido antecipado, há algum tempo, pelo serviço de informações alemão. Contudo, não havia certeza sobre o local exato da invasão. Rommel³, meticuloso, havia preparado as praias com fortificações para a defesa, e posicionado adequadamente a artilharia. As divisões Panzer disponíveis, segundo seu entendimento, deveriam ser colocadas próximas à costa, para serem empregadas de imediato, em caso de assalto.

Todavia, O General Freiherr Geyr von Schweppenburg, Comandante em Chefe do PanzerGruppe West (Grupo Blindado Oeste), decidiu segurar as divisões Panzer na retaguarda, como reserva estratégica, apesar dos protestos de Rommel. O General acreditava que o desembarque não poderia ser impedido e que a ameaça aérea aliada deveria ser considerada, e por



^ PESO GIGANTESCO

Para a época, o Tigre era um veículo extremamente pesado. Isso causava problemas sérios na sua suspensão, além de dificultar, ou mesmo impedir, que o carros de combate do tipo utilizassem algumas pontes em seus deslocamentos.

isso planejou manter as forças imóveis durante o dia e deslocá-las à noite, rumo ao front, diretamente para o cerne da zona principal de ataque. Os carros de combate seriam, então, empregados em uma batalha móvel, para destruir as forças inimigas. O receio de que tropas aerotransportadas fossem lançadas na retaguarda acentuou a decisão de von Schweppenburg, que organizou a concentração dos blindados sob a cobertura de florestas, ao norte de Paris.

Mas, em abril de 1944, uma ordem de Hitler, obtida sob a pressão de Rommel – e equivocada, como tantas outras – definiu que as divisões Panzer somente poderiam se deslocar com sua aprovação, pessoal e expressa. Com isso,

o Comandante em Chefe Generalfeldmarschal von Rundstedt, que possuía três divisões sob seu comando, ficou de mãos atadas. No caminhar dos longos dias que se sucederam à invasão, essa intervenção do Führer mostrou-se verdadeiramente desastrosa.

Em meio a esses desentendimentos, armas impressionantes aguardavam para combater, entre elas o carro de combate Tigre, obra de arte da engenharia alemã.

Quando foi apresentado, o Panzer VI Tigre era o mais poderoso blindado existente, comparável apenas com os pesados modelos IS, soviéticos. Um exemplar capturado pelos britânicos, em 1943, foi testado para verificar as características de resistência e performance, e os resultados foram desalentadores, já que a blindagem se mostrou praticamente impenetrável pelos meios comuns disponíveis, na época, no front. Com as ações de Michael Wittman, a quem foram creditadas mais de 270 vitórias, entre carros de combate e armas anticarros de combate, o Tigre adquiriu uma aura quase mítica, a ponto de gerar um sentimento de pavor nas tropas, denominada "tigrefobia". Bastava o rumor de que essas máquinas

MOMENTO ERRADO v

Por insistência de Hitler, o Tigre foi exibido prematuramente em combate, com graves falhas em seus sistemas e no seu emprego, permitindo que o inimigo tivesse uma percepção de seu poderio.





^ RESISTÊNCIA

O Tigre era virtualmente indestrutível aos projéteis dos blindados aliados, sobretudo por sua blindagem frontal que, mesmo no final da guerra, apresentava-se como um obstáculo formidável para a eliminação do carro de combate.

estavam na linha de frente, para que o moral despencasse entre os combatentes.

Apesar disso, o Tigre não era uma máquina excelente. Seu enorme peso resultava em uma baixa relação peso/potência (12,3 HP por tonelada), e derivava em pouca confiabilidade na parte mecânica. Seu sistema de suspensão era um pesadelo de manutenção, e a transmissão estava sujeita a falhas constantes. Por isso, muitos exemplares foram abandonados, simplesmente por não poderem mais se deslocar, e porque nenhum veículo comum era capaz de rebocá-lo. Em geral, quando incapazes de combater, eram destruídos pela tripulação, mas as perdas eram sentidas, sobretudo, pelo alto valor de

fabricação do veículo (nominalmente, RM 250.800 Reichmarks⁴).

Por outro lado – como havia sido constatado em empregos anteriores –, quando posto para combater em um local no qual sua retaguarda e laterais estavam relativamente protegidas, o veículo transformava-se num verdadeiro monstro, com capacidade para penetrar, com seus projéteis, cerca de 112 mm de blindagem a quase 1,5 Km de distância. Derivava disso que, antes mesmo que pudessem chegar a um alcance no qual poderiam engajar o inimigo, os carros de combate aliados eram submetidos a um fogo devastador. A blindagem maciça do Tigre, principalmente na parte frontal do casco e da torre (ambas com 100 mm), fazia com que, com um pouco de sorte, o veículo fosse alvejado diversas vezes, sem penetração, aguentando cas-

tigos que nenhum tanque aliado seria capaz de suportar. A sua extraordinária resistência permitia que, em um grande número de casos nos quais o Tigre era abatido, a tripulação conseguisse se salvar, retornando às suas linhas e ficando disponível, novamente, para combater.

O mesmo não ocorria do outro lado das linhas, uma vez que o poder da munição do canhão 88 alemão era mais do que suficiente para destruir os veículos aliados e matar instantaneamente os seus tripulantes. Tanto assim, que afirmava-se serem necessários, em média, cinco M4 Shermans para abater um Tigre, o que é reforçado pela razão de destruição de M4 pelos Panzer VI (nada menos que 5,74 para um).

Carregado por um motor Maybach V-12, refrigerado à água, o Panzerkampfwagen VI Tiger I Ausf. E (SdKfz 181) tinha disponíveis 650 HP a 3000RPMs (no modelo Maybach HL 210), com velocidade de 20Km/h na estrada (máxima de 45,4 Km/h) e alcance de 125 Km (usando estrada). Consumia em estrada 4,32 litros por quilômetro percorrido e, em terreno acidentado, uma média de 6,75 litros por quilômetro (o tanque de combustível armazenava 569 litros de gasoli-

na). Aliás, seu consumo era um dos grandes problemas, o que foi amenizado na Normandia pelas táticas adotadas, que exigiam deslocamentos consideravelmente mais curtos.

Na Normandia, os Tigres acabaram servindo, em geral, como soluções provisórias, utilizados como "tampões", em locais nos quais a ameaça de ruptura se fazia imediata. Os vácuos deixados pela indisponibilidade de forças eram preenchidos por esses enormes veículos, com suas tripulações operando em condições críticas, comumente sem apoio de infantaria ou antiaérea. Novas formas de combate foram, então, aplicadas, derivando no emprego diferenciado dos veículos, para tentar ampliar as chances de sobrevivência das tripulações germânicas frente ao maciço poder militar inimigo.

Os lentos e pesados Tigres aproveitavam o terreno da Normandia, repleto de sebes e cercas baixas, para estabelecer pontos de emboscada, camuflados por entre as casas e a vegetação. Ao invés de combater em grupos, tornou-se comum que se posicionassem isolados, esperando suas presas pacientemente, por dias a fio. De fato, esse tipo de



luta era o oposto do que se apregoava, até então, como filosofia de combate para as tropas Panzer. Ocultos até o último momento, ao abrirem fogo com seus poderosos canhões de 88 mm, possuíam um poder de fogo capaz de destruir qualquer equipamento aliado; todavia, simultaneamente, revelavam sua posição e deixavam em aberto a possibilidade de contra-ataques por parte da artilharia (que se fazia extremamente letal para os blindados, principalmente quando provinha dos calibres e alcances enormes dos canhões da Marinha) e da aviação.

Para as tripulações, a espera por um alvo de valor era um verdadeiro martírio. Não lhes era possível sair do veículo, já que poderia haver ameaças próximas, principalmente na forma de patrulhas da infantaria inimiga. Munição e alimen-

^ ISOLAMENTO

Utilizado com o um caçador solitário, poucas vezes o Tigre teve a oportunidade de combater em número. Suas táticas de emboscada eram eficientes, embora desgastantes para a tripulação.

tos só podiam ser fornecidos à noite, e quaisquer necessidades tinham que ser resolvidas dentro de vasilhas e esto-cadas no casco blindado, até que houvesse a oportunidade de despojar os restos por alguma abertura, sem o risco de levar um tiro. Caso houvesse infantaria próxima, em apoio (*panzergrenadieren*), a vida da tripulação poderia ser um pouco mais fácil, inclusive porque os combatentes poderiam auxiliar nos combates, atacando de posições diferentes e forçando o inimigo a dispersar seu poder de fogo.

Na verdade, uma análise dos combates dos Tigres na Normandia leva à percepção de que, ironicamente, suas táticas se enquadravam mais como as de armas anticarros

de combate do que de blindados principais de combate.

A resposta aliada às emboscadas alemãs com tais características era, normalmente, associada à artilharia pesada. Expostos os Tigres, em geral após terem causado alguma baixa, expulsos por poderoso fogo de seus esconderijos, ficavam sujeitos aos ataques de blindados especializados na sua caça (*tank-killers*), ou a grupos de carros de combate, que atiravam tudo que tinham contra os alemães.

No caso dos aliados terem a infelicidade de encontrarem mais de um Tigre juntos, sem o adequado apoio aéreo ou de artilharia, o resultado dificilmente poderia ser-lhes favorável. Os Panzer VI tendiam a fazer um grande estrago nas forças aliadas, empurrando os atacantes de volta às suas linhas. Sua grossa blindagem, frequentemente, fazia com que os projéteis aliados ricocheteassem, incapazes de penetrar, enquanto que os canhões alemães eram capazes de varar um M4 Sherman, por exemplo, com relativa facilidade.

Contudo, o sucesso na utilização dessas táticas foi local e esparso, e os Tigres não foram capazes de lidar com a gigantesca superioridade em homens e materiais dos aliados.

Os Panzer e suas tripulações, que se puseram ao sacrifício nessas operações diferenciadas da Normandia, acabaram dizimados. Lutaram com admirável coragem, com o senso do dever exaltado e a certeza de que a pátria-mãe, agora, jazia em perigo, e de que seus esforços, em uma luta desigual e desesperada, se não fossem capazes de impedir a derrota, pelo menos forneceriam mais tempo para que alguma atitude decisiva pudesse ser tomada pelo comando alemão. A camaradagem existente entre as tropas alemãs, boa parte delas compostas por inúmeros veteranos, ajudou a aglutinar a resistência, principalmente entre as tropas SS, evidentemente mais engajadas politicamente.

Entre os tanquistas (mas não só, logicamente), inúmeros são os exemplos de resistência fanática e apoio mútuo, na Normandia. Os laços que

uniam as tripulações, graças ao sentimento de interdependência, auxiliaram na consistência em sustentar combate. De certa forma, a unidade funcionava como um lar, sendo o veículo o ponto de referência e o comando, em geral aguerrido e respeitável, o modelo a ser seguido.

A despeito das pesadas perdas na Normandia, as unidades que recuaram estabeleceram violenta resistência em um front contínuo, França e Alemanha adentro, até o coração do Reich. Milhares morreriam, ainda, em meio ao aço de seus veículos, configurando feitos dignos de fazerem parte dos mais destacados anais da História Militar.

VISÃO ASSUSTADORA v

Encontrar um Tigre pela frente era o pior dos pesadelos para as equipagens dos Sherman. Com blindagem frágil, perante o 88 mm alemão, o carro americano era extremamente vulnerável.



Como tributo às tripulações que lutaram em condições desesperançadas, ecoam as palavras do General Heinrich Eberbach, comandante do 5º Exército Panzer:

Como comandante, era minha responsabilidade fazer com que minhas ordens fossem executadas, ao mesmo tempo em que fazia o melhor para os homens que confiavam em mim. Eu soufri suas mortes como se fossem as de meus próprios filhos.

Relato vivo que ecoa como epitáfio para homens de extremo valor, que colocaram - ainda que erroneamente, no caso Nacional-Socialista - o dever acima de suas próprias vidas.

Notas:

1 Hermann Goering, ex-piloto alemão da Primeira Guerra Mundial, um dos homens de confiança de Hitler até o final da Segunda Guerra, e com diversas atribuições e títulos durante o regime Nacional-Socialista, incluindo o de Comandante da Luftwaffe, a Força Aérea Alemã.

2 Hábito nocivo do Führer que, comumente julgando-se um especialista inquestionável (sem verdadeiro conhecimento de causa), por inúmeras vezes

impediu tanto o desenvolvimento quanto o aperfeiçoamento de equipamentos que poderiam ter maior impacto sobre a guerra. Seus delírios sobre armas milagrosas resultaram tanto em projetos extraordinários quanto em fracassos estrondosos.

3 Erwin Rommel foi um dos oficiais preferidos de Hitler. Oficial de considerável sorte, aliada a conhecimentos militares profundos, colocou as tropas aliadas em cheque no Norte da África. Foi responsável pela defesa da Normandia mas, assim como aconteceu no deserto, faltaram-lhe recursos humanos e materiais para cumprir, de forma plena, a tarefa. Sua proximidade com o Führer possibilitou que a cadeia de comando fosse - irresponsavelmente - rompida, o que gerava uma série de problemas para o planejamento. Por fim, acabou cometendo suicídio, para proteger sua família, acusado de participação em um dos atentados contra Hitler.

4 Em 1944, um Reichmark equivalia a quarenta centavos de dólar. Com base em tais valores, o custo de um Tigre (M 250.800 Reichmarks) seria de, aproximadamente, cem mil dólares. Por comparação, a produção de um Sherman custava cerca de 33.500 dólares.

Referências:

RITTER, Dale Richard. **The Tiger project: Book One - Alfred Rubbel - Schwere Panzer (Tiger) Abteilung 503.** UK: Naval & Military Press,

SIMPSON, Gary. **Tiger Ace: the Story of Panzer Commander Michael Wittmann.** Pennsylvania: Schiffer, 1994.

BYRDEN, David. **Tiger I Info.** Disponível em <<http://tiger1.info/>>.



Fabricio Gustavo Dillenburg tem formação em História e é fundador e responsável pelo Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis. Ocupa a Cadeira nº 14, General Francisco de Paula Cidade, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. É membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e autor de "Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino". Mais informações nos sites www.nucleomilitar.com e www.nucleomilitarblog.com.

CRÍTICA DE UMA MANOBRA OU ANÁLISE PÓS-AÇÃO (APA) E HISTÓRIA MILITAR CRÍTICA OU ANÁLISE HISTÓRICA MILITAR PÓS-AÇÃO (AHMPA)

**PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A INSTRUÇÃO
DOS QUADROS E DA TROPA E PARA O PROGRESSIVO
DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA MILITAR DA
FORÇA TERRESTRE**

Cel Cláudio Moreira Bento

Resumo

O presente artigo tem por finalidade destacar a importância da Crítica de uma Manobra Militar ou Análise Pós-Ação (APA), da Análise Militar Crítica ou Análise Histórica Militar Pós-Ação (AHMPA) e suas contribuições para o levantamento de subsídios a serem utilizados na instrução dos Quadros e da Tropa e no progressivo desenvolvimento da Doutrina Militar da Força Terrestre, a cargo do Estado-Maior do Exército. O foco deste trabalho incide, portanto, sobre os principais autores e seus trabalhos literários destacando suas contribuições para o estudo e ensino da História Militar Crítica.

Palavras-chave: História Militar Crítica. Análise pós-ação.



Nós, militares do Exército, nos acostumamos a realizar uma Crítica, hoje denominada Análise Pós-Ação (APA), depois de uma manobra ou exercício militar. Esta consiste em apontar os erros e acertos no exercício ou manobra e os destacar na instrução dos quadros e da tropa e/ou para que possam contribuir para o progressivo desenvolvimento da Doutrina Militar da Força, a cargo do Estado-Maior do Exército.

A palavra Crítica para a maioria das pessoas, no Brasil, tem um significado de censura ou, na gíria castrense, de marreta. Ela foi substituída pela expressão APA, eliminando confusões frequentes sobre o seu significado negativo.

No meu livro – A Revolta do Contestado (1912 – 1916), nas Memórias e nos Ensinamentos Militares de seu Pacificador, o comandante das operações que resultaram na Pacificação Militar do Contestado faz uma profunda crítica da Operação de Pacificação hoje, com mais propriedade, a citada APA, traduzindo-a na forma de Ensinamentos Militares, e os inclui no seu Relatório ao Ministro da Guerra.

O pioneiro entre nós neste tipo de trabalho foi o Duque de Caxias, como Ministro da



Guerra ao realizar, uma Análise Militar Crítica, ou AHMPA (Análise Histórica Militar Pós-Ação), da Batalha do Passo do Rosário, ocorrida em 20 de fevereiro de 1827. Análise solicitada, em 1854, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Instituição da qual ele era sócio honorário e que, desde 1925, é depositária de sua espada invicta, com a qual combateu em seis campanhas.

Mais tarde, em 1861, novamente como Ministro da Guerra e também Presidente do Conselho de Ministros, realizou a adaptação da Doutrina Militar de Portugal, às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara no comando de Forças do Exército, na pacificação das Revoltas regenciais no Maranhão, em São Paulo, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul e na Guerra contra Oribe e Rosas, em 1851-52.

^ HISTÓRIA CRÍTICA

A crítica militar histórica é feita com o intuito de análise e (re)avaliação, visando um entendimento mais profundo das inter-relações que culminam em eventos de monta para a construção teórico/prática.

Nos demais casos de emprego da Força Terrestre do Brasil em operações de Guerras Externas e de Lutas Internas, não se tem conhecimento da realização de críticas militares das operações, ou APA, por seus comandantes, exceto o caso da FEB, em que o seu comandante, o Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, ex-comandante da Escola Militar no Realengo, nos legou um precioso acervo bibliográfico crítico, realizado com o apoio do General Carlos de Meira Mattos. Este foi seu capitão na FEB, ex-comandante da AMAN e destacado chefe militar que, no posto de coronel, comandou a Força Brasileira que atuou em São Domingos, em missão da OEA, e da qual também, realizou uma preciosa Crítica ou APA, registrada

em obra literária de sua autoria.

Ainda em meados do século passado, a publicação elaborada pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) Marechal Castelo Branco e seu pensamento militar, de autoria do Cel Francisco Ruas Santos e do Major José Fernando Maia Pedrosa, registra exemplos de História Militar Crítica, ou AHMPA, realizados por aquele chefe militar e pensador militar brasileiro (Castelo), hoje consagrado, por justiça, patrono de nossa ECEME.

O Marechal Castelo Branco atuara como Oficial de Operações da FEB e, no pós-guerra,

como instrutor da Escola de Estado-Maior do Exército influenciou, segundo o Cel Francisco Ruas Santos, em 1972 a introdução, na Academia Militar das Agulhas Negras, do Ensino Militar Crítico de História Militar à luz dos Fundamentos de Arte e Ciência Militar, os quais abordamos no Manual de nossa autoria Como pesquisar a História do Exército, aprovado pelo Estado-Maior do Exército e editado pelo EG-GCF, em 1999 (2ª edição).

A orientação de Estudo de História Militar Crítica, ou AHMPA, foi introduzida na AMAN em 1961 pelo então Cel Inf EM Francisco Ruas Santos, veterano da Defesa Territorial no

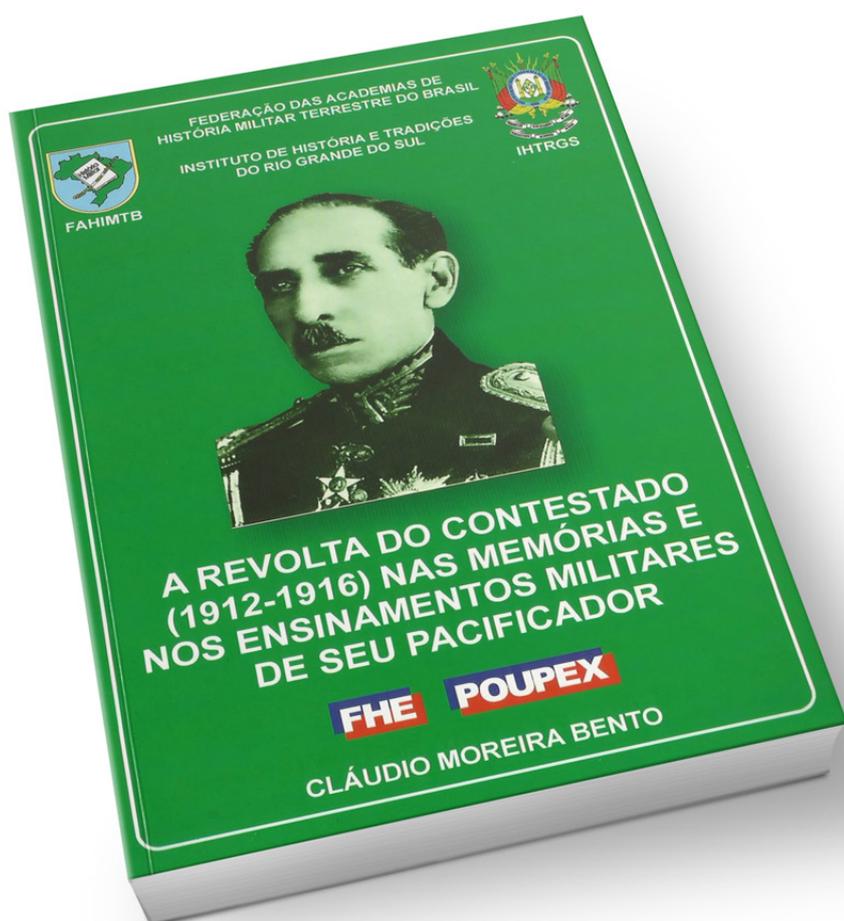
Brasil no Pará, e depois na FEB, como integrante do 11º Regimento de Infantaria, de São João D'el Rei.

O ensino de História Militar deveria ser conduzido tendo por base a Diretriz nº 61 do Estado-Maior do Exército para as atividades no campo História Militar com os seguintes objetivos:

contribuir para a formação dos quadros e da tropa; contribuir para o desenvolvimento da Doutrina Militar das Forças Terrestres Brasileiras; e preservar e divulgar o Patrimônio Histórico e Cultural do Exército.

Posteriormente, a Comissão de História do Exército, integrante do Estado-Maior do Exército, presidida pelo Cel Francisco Ruas Santos, publicou, em 1972, a História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo, resultado de um grande esforço pioneiro e coletivo de historiadores militares e de alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

A falta de crítica a uma operação de Guerra Externa ou de Luta Interna pode ser suprida pelo trabalho de história militar crítica realizado por profissionais militares, à luz dos fundamentos da Arte e da Ciência



da Guerra (Princípios de Guerra, Fatores da Decisão, etc.) visando colher os necessários subsídios a serem utilizados nas instruções dos quadros e no desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar da Força Terrestre.

Esses subsídios deverão ser compatibilizados com o que de melhor existir nas doutrinas militares de outros exércitos, para que possam servir de base para os trabalhos de desenvolvimento da Doutrina Militar elaborados pela 3ª Subchefia do EME.

Foi dentro do Espírito de Análise de História Militar Crítica que em 1978, como instrutor de História Militar na AMAN, já com grande experiência em assuntos de História Militar do Brasil, que coordenamos a elaboração dos livros: História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil (Textos e mapas), contendo o novo Processo de Ensino de História Militar, adaptado ao ensino da História Militar Crítica à luz dos Fundamentos da Arte e da Ciência Militar. Estes livros foram extremamente úteis ao ensino de História Militar na AMAN até serem substituídos em 1999.

Mas, para ser possível uma AHMPA de uma Guerra Exter-

na ou uma Luta Interna, constante da Teoria de História do Exército Brasileiro, que abordamos no tocante ao Emprego da Força Terrestre ao longo do Processo histórico do Brasil desde o seu Descobrimento no nosso citado Manual, é fundamental que ela seja resgatada por profissionais com cursos de História, capazes de caracterizar fontes primárias de História confiáveis por fidedignas, íntegras, autênticas e fundamentais para reconstituições históricas dos fatos acontecidos. A seguir, cabe ao profissional militar realizar a AHMPA, à luz dos Fundamentos de Arte e da Ciência Militar, obtendo subsídios para a instrução dos quadros e da tropa e para o desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar das Forças Terrestres do Brasil, a cargo do Estado-Maior do Exército.

Para esse objetivo muito contribuiu o exemplo legado pelo

Marechal Setembrino de Carvalho com seu trabalho de História Crítica da Campanha do Contestado, consubstanciada no livro A Revolta do Contestado 1912 – 1916, nas Memórias e nos Ensinamentos Militares de seu Pacificador.

Enfim, este trabalho de História Militar Crítica é o que vêm procurando fazer, há 18 anos, a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e suas Academias federadas, sob minha orientação e com base nos meus 44 anos de intensa atividade relacionada com a História Militar do Brasil, como historiador e instrutor de História Militar.



SOBRE O AUTOR

O **Cel Cláudio Moreira Bento** é Historiador Militar e Jornalista. Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), além de presidente Emérito fundador da Academia Resendense e possuir inúmeras outras condecorações e títulos.

ESTRUTURA LOGÍSTICA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

3º BATALHÃO DE SUPRIMENTO NOVA SANTA RITA

RIO GRANDE DO SUL

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Em 8 de agosto de 1984 foi criado o 3º Batalhão de Suprimento (3º B Sup), a partir da fusão de nove organizações militares então diretamente subordinadas à 3a Região Militar - Região Dom Diogo de Souza:

- o Depósito Regional de Sub-sistência/3;
- o Depósito Regional de Material de Intendência/3;
- a 3a Companhia-Depósito de Material de Intendência;
- o Depósito Regional de Armamento e Munição/3;

- a 3a Companhia-Depósito de Armamento e Munição;
- o Depósito Regional de Material de Saúde/3;
- o Depósito Regional de Motomecanização/3;
- a 3a Companhia de Suprimento de Material de Moto-



mecanização; e
- a 3ª Companhia de Engenharia Depósito e Manutenção.

Ficou centralizada, assim, a atividade de suprimento das diversas classes em um mesmo local, possibilitando uma melhor organização tanto do efetivo como do material existente.

Situado às margens do Rio dos Sinos, no município de Nova Santa Rita, o 3º Batalhão de Suprimento tem uma área total de cerca de 530 hectares e uma área construída de mais de 62 mil m², dos quais a metade (aproximadamente) corresponde a armazéns de suprimento.

Em 24 Nov 2004 o 3º BSup recebeu a denominação histórica de "Batalhão Marechal Bitencourt", Patrono do Serviço de Intendência, e a concessão



são do respectivo estandarte histórico, herdados do 19º Batalhão Logístico pela gloriosa participação de uma Companhia de Intendência do 19º B Log na campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália.

O 3º BSup tem a missão institucional de receber, controlar, armazenar e distribuir suprimentos das diversas classes para as 110 Organizações Militares localizadas na área de responsabilidade da 3ª RM, à

qual é diretamente subordinado.

Para isso, o 3º B Sup conta com um efetivo de mais de 750 militares, distribuídos em três Companhias de Suprimento e uma Companhia de Comando e Serviço, o que o torna a maior organização militar logística da América Latina.

A imagem do pórtico como o dístico **"Não há combate sem logística"** diz bem claramente da importância dessa atividade que se tornou com o passar do tempo e com o aumento da sua área de atuação na guerra a verdadeira "Rainha dos campos de batalha".

SOBRE O AUTOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo *O Tuiuti*, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira.



Fonte: 3ª Região Militar. Histórico do 3º BSup.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two PageView**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com

Apoio à FAHIMTB:





AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

